

BRUNO MONTEIRO

Médium

NÓS NUNCA MORREMOS

Como reconhecer
os sinais daqueles
que já partiram

Prefácio de Paula Ponce

 nascente

*A todas as almas — vivas e desencarnadas — que confiaram
em mim a sua história. Levo cada uma de vós num lugar
muito especial do meu coração.*

*O valor das coisas não está no tempo
que elas duram, mas na intensidade
com que acontecem. Por isso,
existem momentos inesquecíveis,
coisas inexplicáveis e pessoas
incomparáveis.*

MARIA JÚLIA PAES DA SILVA

ÍNDICE

Prefácio	13
A Minha História	19
Mediunidade	47
Quem foi Allan Kardec?	51
Tipos de mediunidade	68
Mediunidade <i>vs.</i> Intuição	78
Mediunidade na prática:	
O que acontece à alma quando o corpo parte.....	87
Bebés, pequenos anjos	101
Reencarnação	118
Acidentes: O que acontece a quem parte desta forma	128
Perguntas e Respostas	141
Conclusão	195
Agradecimentos	205



PREFÁCIO

Há livros que se leem e há livros que nos atravessam.
Este é um desses livros.

Quando o Bruno me pediu para escrever este prefácio, senti imediatamente que não estava apenas a receber o convite para apresentar uma obra. Estava a ser chamada a honrar uma história. Uma história feita de dor, perda, coragem, fé, mediu-nidade, amor e, acima de tudo, verdade.

Conheço o Bruno não apenas pelo que ele faz, mas pelo que ele é. E talvez seja por isso que este livro me toca tanto. Porque antes do médium, antes das mensagens, antes das salas cheias, antes das pessoas emocionadas a receber sinais de quem partiu, existe um homem. Um homem que morreu muitas vezes por dentro e, ainda assim, escolheu continuar.

O Bruno não escreve para convencer ninguém, e isso para mim é uma das maiores forças deste livro.

Ele escreve para abrir uma porta, para nos sentarmos com ele, para respirarmos com ele, para compreendermos que muitas vezes aquilo a que chamamos fim é apenas uma forma diferente de presença.

Ao longo destas páginas vamos encontrar a criança que quis ser vista. O filho que tentou salvar a mãe. O irmão que presenciou uma partida antes de conseguir dizê-lo em voz alta. O jovem que carregou culpas que não eram suas. O homem que atravessou países, perdas, medos e silêncios até compreender que o invisível sempre esteve a falar com ele.

A mediunidade do Bruno, para mim, não vive no extraordinário. Vive no cuidado. Na responsabilidade. Na forma como ele fala da dor sem a explorar. Na forma como traz leveza e humor sem perder respeito. Na forma como lembra que o amor não acaba quando um corpo parte.

A primeira vez que assisti a uma sessão de grupo dele, com tantas pessoas presentes, confesso que fiquei profundamente impressionada. Não apenas pelas mensagens. Não apenas pelo que chegava «lá de cima», mas pela forma como chegava. Havia verdade. Havia humanidade. Havia algo simples e sagrado ao mesmo tempo.

E talvez seja isso que mais me comove no Bruno: ele não usa a espiritualidade para se colocar acima de ninguém. Usa-a como ponte. Como serviço. Como caminho.

Este livro fala de mediunidade, sim. Mas fala, sobretudo, de amor. Fala de luto, de fé, de ética, de medo, de família, de pertença e de cura. Fala daquilo que fica quando tudo parece ter partido. Fala da alma, essa parte de nós que sabe antes de a mente conseguir explicar.

Ler este livro é aceitar caminhar ao lado de alguém que não se esconde atrás da luz, porque teve a coragem de atravessar muitas sombras.

E talvez seja essa a maior mensagem destas páginas: a espiritualidade verdadeira não nos afasta da vida. Ela devolve-nos à vida com mais consciência, mais amor e mais verdade.

Que este livro chegue a quem precisa de acreditar que não está sozinho.

Que chegue a quem perdeu alguém e ainda procura sinais.

Que chegue a quem sente demais e ainda não sabe dar nome ao que sente.

Que chegue a quem precisa de se lembrar que o amor muda de forma, mas não desaparece.

Obrigada, Bruno, pela tua coragem.

Obrigada por dares voz ao invisível sem esquecer o humano.

Obrigada por nos lembrares que há partidas que não são abandono, há dores que se transformam em missão e há histórias que, quando contadas com verdade, também curam quem as lê.

Com amor,
PAULA PONCE



A MINHA HISTÓRIA

O lá. Eu sou o Bruno Monteiro, e vou contar-te a minha história.

Durante muito tempo questioneei-me sobre como é que se conta uma vida. Sempre me fascinou quem é capaz falar de si sem se perder — como alguém que sabe nadar consegue descrever a sensação de nadar. Ou como alguém que morreu por dentro, várias vezes, consegue explicar o que é morrer.

E é isso que sinto em relação à minha vida: antes de a espiritualidade aparecer, morri muitas vezes por dentro. Por isso, esta é a minha história... e a história de todas as vezes em que uma parte de mim morreu.

«Os lá de cima» dizem que a morte é tão natural como respirar. Sei que é preciso maturidade para compreender isto,

porque crescemos a achar que «morte» é apenas a morte física. Mas a morte está ao nosso redor: as plantas morrem; os móveis envelhecem e desgastam-se; os animais partem; e até a comida que temos no prato... hoje pode ser um bife suculento, mas outrora foi parte de um animal. Para estar no nosso prato, esse animal teve de partir.

A morte faz parte.

Só que a morte é muito mais do que física. A morte também é emocional. Uma criança teve de «morrer» na sua infância para dar espaço à adolescência. E o adolescente teve de «morrer» para dar espaço ao adulto. Há perdas que ninguém vê, mas que nos transformam para sempre.

Sempre fui da opinião que uma história começa pelo início — não pelo meio, nem pelo fim. Pelo início.

Então este é o meu início.

Nasci em 1992, na Maternidade Alfredo da Costa. Mal sabia eu que, assim que cheguei ao mundo, a minha vida já começava agitada.

A minha mãe contou-me muitas vezes que, na maternidade, partilhou o quarto com uma mulher. Chamemos-lhe Bárbara.

Segundo a minha mãe, a Bárbara era uma mulher magra, de cabelo escuro e encaracolado, e revelava um cansaço profundo. Tinha olheiras fundas, um ar inquieto. Passava a noite acordada, a olhar para o teto, e arranhava o colchão de tal forma que chegou a arrancar-lhe espuma — como se estivesse em catarse. Como se algo dentro dela estivesse em colapso.

A minha mãe já tinha sido mãe antes. Eu fui o terceiro filho, o mais novo, o caçula. Antes de mim nasceu a Susana. Quinze anos depois, nasceu a Bruna. Um ano e meio depois dela... nasci eu.

Na maternidade, as mães ajudavam-se. Era comum: uma mãe precisava de ir à casa de banho e pedia à outra que tomasse conta do bebé. É aqui que entra a Bárbara.

No dia a seguir ao meu nascimento, a minha mãe levantou-se para ir à casa de banho e pediu à Bárbara que ficasse a olhar por mim. A Bárbara aceitou.

Só que havia um detalhe: a Bárbara tinha perdido o filho. Naquele quarto, a felicidade tinha chegado apenas a uma das mães. A outra estava a viver uma perda.

Enquanto a minha mãe estava ausente, a Bárbara ficou sozinha comigo e pensou — segundo a forma como a minha mãe sempre me contou esta história — algo do género: *Ela já tem dois filhos. Eu não tenho nenhum. Eu consigo dar amor a esta criança.*

E então agarrou-me e fugiu. Pegou em mim, colocou-me ao colo e começou a percorrer a maternidade, apresentando-me como se eu fosse o filho dela. Ia de quarto em quarto e dizia: «Este é o meu filho. Olhem o meu filho.»

Até que chegou a uma zona onde encontrou familiares seus. E a família reagiu de forma estranha, porque sabia que ela tinha perdido o bebé. Então... quem era aquela criança? Não fizeram escândalo, nem chamaram a polícia. Ficaram ali, como se estivessem a ganhar tempo, à espera que alguém aparecesse e as coisas se resolvessem.

Entretanto, a minha mãe sai da casa de banho e entra em pânico. Nem eu nem a Bárbara estávamos no quarto. E, naquele ano, já se falava de raptos, de bebés roubados. A minha mãe ficou convencida de que me tinha perdido.

Foi aí que entrou o meu pai. Com a ajuda de uma auxiliar, foram à minha procura e encontraram-me nos braços da Bárbara, junto à família dela. O meu pai aproximou-se e disse: «Este é o meu filho.» E fui devolvido. Voltei para os braços da minha mãe.

Esta história é curiosa por várias razões. Primeiro: ainda mal tinha chegado ao mundo e já estava a ser apresentado ao drama. Quase cómico... se não fosse tão sério. Segundo: é interessante como os traumas não são iguais para toda a gente. A minha mãe conta esta história com medo, com emoção, com peso. O meu pai tende a relativizar: «Não foi nada.

Deve ter acontecido. Já nem me lembro bem.» Acho isto fascinante — como a mesma situação pode ser vivida de forma tão diferente por duas pessoas.

Passaram alguns dias. A Bárbara saiu do quarto. E chegou o momento de voltarmos para casa. Na altura vivíamos em Camarate, numa cave pequena. Lembro-me do portão verde ao lado da estrada — um portão que chiava sempre. Nem era preciso campainha: aquele som anunciava a nossa chegada. Abríamos o portão, descíamos as escadas para uma casa que ficava abaixo do nível da rua. Vivi nessa casa até aos 11 anos. Era uma casa pobre, com humidade, paredes a desfazer-se, bichos... Hoje penso: *como é que isto era «normal»?* Mas para mim era. Para mim aquilo era a vida. Era ali que tudo começava.

Com o passar do tempo, tentava sentir-me parte da minha família. Mas eu era o terceiro filho e, mesmo assim, sentia-me sozinho. Sentia que existia um trio, uma bolha — e eu não conseguia entrar nessa bolha.

A Susana nasceu e passou 15 anos sozinha. Quando a Bruna nasceu, a Susana agarrou-se a ela. E quando eu nasci... quem me agarrou foi a minha mãe. O meu pai, quando me pegava, era quase só para me devolver à minha mãe. E isto explica muito do meu amor por ela: no fundo, a minha mãe foi a minha companheira.

As minhas irmãs e eu nunca encaixámos. As minhas brincadeiras não eram compreendidas. A minha imaginação parecia não caber ali. E fui aprendendo, pouco a pouco, que os amigos talvez estivessem «lá fora». Porque cá dentro... havia solidão.

A casa ao lado era a do senhor Manel, um carpinteiro. Se lhe pudesse dar um cheiro, a minha infância teria cheiro a madeira. E se pudesse dar um som àquela casa, seria o som das serras e das ferramentas. Era como se aquele ruído me dissesse: não estamos sozinhos nesta rua.

Quando entrei na escola pela primeira vez, senti-me melhor. Tinha amigos. Tinha um grupo. E gostava disso. Havia uma coisa curiosa: na zona chamavam-me Fernando Pessoa, porque eu andava sempre com um livro debaixo do braço — muitas vezes banda desenhada. Eu agarrava-me aos livros como quem se agarra a um lugar seguro.

Há um episódio que só mais tarde consegui entender a sério. No final de um ano letivo, houve uma festa de encerramento. A escola era simples, o palco era montado cá fora, e havia alguém a apresentar. A certa altura, essa pessoa começa a cantar os parabéns a um menino — e toda a escola canta. E lembro-me de sentir, por dentro, uma coisa absurda e ao mesmo tempo tão real: «Eu também faço anos. Eu também existo.» E invadi o palco.

Fui até à apresentadora e disse: «Eu também faço anos.» E a reação dela foi seca, apressada, quase como um incómodo.

Senti como se estivesse a mendigar atenção. Mas hoje entendo: aquele Bruno não estava a pedir um bolo. Estava a pedir para ser visto. Porque em casa eu não me sentia visto.

A minha mãe era uma mulher muito deprimida. Sempre fez o melhor que pôde, mas por vezes parecia mais próxima dos antidepressivos do que de nós. O meu pai trabalhava num restaurante e só chegava à noite. E quando chegava, era então que começavam as guerras, os gritos, o caos. E eu, ali no meio, fui crescendo como pude.

Mais tarde, quando mudei de escola, a minha vida mudou de novo. Comecei a perceber coisas sobre mim: a forma como olhava para as pessoas, a forma como sentia atração, e sobretudo a forma como o mundo reagia quando eu não cabia num molde. Vieram comentários. Vieram rótulos. Vieram agressões disfarçadas de «brincadeira». E eu, sem perceber totalmente o que era aquilo, aprendi uma coisa: «Isto não se diz.» E comecei a meter para dentro.

Ao mesmo tempo, havia outra palavra que me colaram: «hiperativo». Eu nunca parava quieto. Estava sempre a sentir coisas. E foi por essa altura que ouvi, pela primeira vez, uma expressão que me acompanhou durante anos: «cofre aberto». Não fazia ideia do que era. Só ouvia que a minha avó tinha cofre aberto, a minha tia tinha cofre aberto, a minha mãe tinha cofre aberto, eu tinha cofre aberto... E pensava: *Mas se o cofre está aberto, alguém pode roubar*. Era uma confusão absurda, mas era assim que a minha cabeça de miúdo

funcionava. Com o tempo, entendi que «cofre aberto» era uma expressão usada em Portugal para simbolizar uma pessoa com sensibilidade espiritual — alguém com facilidade em captar o invisível. E hoje acredito que todos temos essa sensibilidade, embora em graus diferentes.

Mesmo antes de saber o nome das coisas, já as sentia. Olhava para pessoas e conseguia sentir se havia segurança... ou se havia algo que me deixava um mal-estar no estômago. Lembro-me de dizer à minha mãe: «Mãe, eu consigo saber quando uma pessoa é boa ou não é.» E ela respondeu-me: «Usa isso a teu favor.»

Quando tinha 11 anos, a nossa casa em Camarate foi demolida e tivemos de mudar para Vila Franca de Xira. Aquela mudança marcou-me profundamente. Deixei para trás a rua onde cresci, a minha avó, os meus amigos, o lugar do qual conhecia cada canto. Havia aspetos que me entusiasmavam — como ter um quarto só para mim —, mas a vida que se anunciava permanecia-me desconhecida. Lembro-me de chegar à escola nova e sentir que «não estava na lista». E para alguém que já carregava o medo de não ser visto, aquilo foi simbólico. Passei a sentir que, fizesse o que fizesse, estava sempre no fim. Sempre atrasado. Sempre fora de lugar. Vieram rótulos. Veio *bullying*. Vieram insultos. Vieram feridas. E isso afetou a minha vida escolar e a minha autoestima durante anos. Comecei a viver com uma sensação constante de que nunca estava onde devia estar.

E então chega 2009.

Foi um ano caótico. O ano em que a violência doméstica se instalou em casa como uma rotina. E quando o mundo lá fora não é seguro e a casa também deixa de ser segura... para onde é que tu foges?

Nesse período, comecei a ocupar um lugar que não era meu: o lugar de «super-herói». Porque quando um dos pais vira vilão e o outro vira vítima, a criança — consciente ou inconscientemente — tenta salvar alguém. Tentei salvar a minha mãe. Bastava ouvir uma ambulância para o gatilho se ativar. Ligava-lhe, repetidamente. Saía da sala de aula com a desculpa de ir à casa de banho e ficava escondido no corredor a ligar-lhe. Criava cenários na cabeça: *não atende porque aconteceu alguma coisa*. E quando ela atendia e dizia «Estava na casa de banho», eu voltava à aula com vergonha. Mas o medo ficava.

Em dezembro de 2009, o meu pai saiu de casa. Houve dor, houve caos, mas também houve algo que eu nunca esquecerei: houve paz em certos momentos. Houve dias em que eu e a minha mãe, sozinhos, conseguimos respirar.

Foi por essa altura que apareceu um programa na televisão chamado *Depois da Vida*, com a médium inglesa Anne Germain. Eu via aquilo e pensava: *Como é que esta mulher entrega mensagens de pessoas que já morreram? Isto é real?* Para mim ela era uma super-heroína. E o mais curioso é que quase ninguém ligava, porque ninguém quer saber de super-heróis... a não

ser que voem. A minha mãe era a única pessoa com quem eu falava do que via e sentia. Ela dizia-me sempre: «Não fales com mais ninguém. Só comigo.» Era o medo dela. Mas era também a forma de ela me proteger.

Em 2012, decidi seguir o sonho de ser ator e entrei numa escola de teatro em Lisboa. Essa escola mudou a minha vida. Sentia-me em casa. Acordava muito cedo e ia para as aulas feliz. Pela primeira vez, tinha a sensação de ter encontrado o meu lugar.

Mas é aqui que a vida volta a abanar. Em 2013, descobrimos que a minha irmã mais velha tinha cancro. Eu não tinha consciência da gravidade. A relação não era próxima. Por isso, no início, ignorei. Até que, em maio de 2014, a minha mãe entra de rompante no meu quarto e diz: «A tua irmã vai para o hospital. Ela pode morrer a qualquer altura.» E aí eu percebo que afinal o cancro nunca tinha desaparecido. Houve erro no processo, houve um período sem tratamentos e a doença avançou.

Foi aí que tudo mudou. A partir desse momento, comecei a aproximar-me da minha irmã. Ia para Sete Rios todos os dias, e o IPO ficava ali perto. Então disse-lhe: «Se quiseres, posso ir contigo.» E ela aceitou. Foi nessa fase que comecei a ouvir, na minha cabeça, uma frase constante — dita com uma calma estranha, quase serena:

«Ela vai partir.»

«A mediunidade do Bruno, para mim, não vive no extraordinário. Vive no cuidado. Na responsabilidade. Na forma como traz leveza e humor sem perder respeito. Na forma como lembra que o amor não acaba quando um corpo parte.»

Paula Ponce, psicoterapeuta e formadora
em Constelações Familiares, *in* Prefácio

O que acontece quando morremos? Será possível comunicar com quem já partiu?

Desde criança que Bruno Monteiro vê, sente e ouve aqueles que já partiram. Durante muitos anos viveu essa realidade em silêncio. Hoje, através da mediunidade, acompanha pessoas que procuram respostas para as perguntas mais difíceis da vida.

Neste livro reúne histórias reais, testemunhos e aprendizagens que nasceram do contacto com o mundo espiritual. Fala da morte sem medo, do luto sem romantizar a dor e da esperança sem falsas promessas. Explica como, segundo a sua experiência, acontece a comunicação com quem partiu, o que distingue a mediunidade da intuição, o que poderá acontecer à alma depois da morte e como o amor continua a encontrar caminho para quem fica.

Este não é um livro para convencer ninguém. É um convite a olhar para a vida — e para a morte — com mais consciência, mais discernimento e menos medo.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN: 978-989-596-308-9



9 789895 963089